

# AVANÇADA

A woodcut-style illustration in black and white. The top half shows a large, stylized building with a sunburst or light rays emanating from its right side. The bottom half shows a woman in a long dress and a child, both looking towards the right. The background is dark and textured, suggesting an industrial or urban setting.

## REVISTA POPULAR DE ORIENTAÇÃO RACIONAL

SUMÁRIO

N.º 5

O Povo e o Teatro, José Simões Coelho — Considerações... económicas... — José Carlos de Souza — A pedagogia é a ciência da vida, Antonio da Costa Oliveira — Amor livre e união livre, Pinto Quartim — Estratos e pensamentos.

PROPRIETARIOS E DIRETORES: Grácio Ramos e Pinto Quartim  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua dos Mouros, 30, 2.º — LISBOA

Enc. e Tip. Fernandes-R. Retroseiros, 5 e 7

## O Povo e o Teatro

Ha povo e povo. O primeiro vive ignorando tudo; o segundo vive ignorado de todos.

A ti, povo ignorado, me dirijo, porque talvez me comprendas e bem. Tens o gosto nato por tudo o que seja arte. Todavia ignoras as regras mais rudimentares de como se consegue fazer-te rir por um ridiculo pôsto em cêna ou fazer-te chorar uma dôr que partilhaste. A ti dedico este raciocinio despretençioso. Não vou dizer-te nada que tu não saibas; apenas vou chamar-te a atenção dispersa, como os fotografos a quietude das crianças.

Conheço-te os gostos e os vicios. Sei o que pensas e fazes. E tu tambem me conheces de quando te espreito debruçado, lá muito de alto, a olhares fito a cêna movimentada, ou, ao fundo da sala, muito encolhido, abandonado, como se fôras a mais entre os outros espectadores que, como tu, esportularam.

A's vezes penso: é preciso que tenhas sincero culto pelo teatro pâra que a êle còrras fazendo a digestão facil dum jantar deficiente! E então, dás-me pena, porque, sendo tu quem em toda a parte aparece como sombra a escapulir-se, em ti se não pensa, como se deveria pensar, por se saber certa a tua cumplicidade inconciente.

Se o artista conseguir comover-te, tu, sentindo lagrimas balsamicas a refrescarem-te o rosto esqialido, ergues-te impellido pela arte que as provocou, e, entusiasmado, és o primeiro a chamar o intérprete á cêna, gritando-lhe agradecimentos inolvidaveis.

Se êle te não emprestou qualquer impressão suscitadora de pensamentos novos, voltas-lhe costas, dizendo para os que quizerem ouvir:

— «E levanta-se um padeiro á meia noite...»  
(Testual).

Quando a ação da peça é comica em seus intuitos, e o artista t'a não deu nas illecsões ou nas atitu-

des, cometas logo, sentencioso como jaiz inflexivel: -- «Este «gajo» não tem *pidché* nenhum!... (Tectual).

Mas se riste, a bom rir, ás gargalhadas francas e desrespeitosas de silencias premeditados, feliz do artista que t'as causou: o seu nome será embalado pelas mulheres, propagado pelos homens e balbuciado pelas crianças. A sua reputação está feita pãra todo o sempre. E és tu que, elevando os que são artistas dignos, sem preocupações de escola, e deprimindo como o teu silencio d'oiro os parasitas da arte, vives ignorado!

Não. Não queiras viver assim. Cria consciencia de que ezistes na vida pãra goza-la em toda a sua amplitude. A mudez fica bem ao outro povo a que não pertences. Prova que só é digno do nome de povo o povo que procura emancipar-se de todos as superstições, quer elas sejam morais, politicas ou religiosas.

Vives numa epoca em que se fala de ti e se pensa em ti. Tens reparado certamente no movimento que se opéra em teu aucilio. Não é á laia de protecção. Isso daria ideia de favor dispensado. E' o movimento reivindicador de ha anos esboçado, arrastando-se lentamente em busca de aliados sinceros. Por uma natural seqüencia de conhecimentos adquiridos, êles apparecem com jesto demolidor, mas conciente dos que têm um dever a cumprir.

Outrora, a propaganda do rejuvenescimento da raça, inspiraria revistas e gazetilheiros; o problema da habitação insalubre daria azo a polémicas divertidissimas, por falta de unidade nos planos. Hoje não; todos sentem a necessidade de que a vida portugüesa tome novo rumo em diretriz a futuro mais risonho.

Como vês tens a teu lado corações que até agora andavam afastados, vivendo num anceio de pôr na pratica o que guardavam como aspiração insatisfeita.

Insinaram-te a criar os filhos, a dar-lhes a base racional que os refundirá em homens dignos de ti e da coletividade.

Abriram-te os olhos, para que os levasse a compreender a vida, como ela deve ser vivida.

Falaram-te das pessimas condições higienicas da tua moradia. Fizeram-te vêr que é uma irrisão viveres em cubiculos asficsiantes, tu, que constroes palacios suntuosos!

Teem-te dito e redito mereceres que as tuas necessidades nutritivas e intellectuais sejam satisfeitas. pois és, como qualquer outro ente, fisiologicamente constituido.

Em suma, não é á falta de te dizerem a verdade que não levantarás a cabeça.

Que mais te falta pãra que a vida te seja mais agradável? São os prazeres estéticos que jámais deves pôr de lado. São êles que dulcificam e amenizam, instruem e deleitam.

Qual é o que te garante condições de agrado, ao passo que te não mente, abusando da tua injenuidade? O teatro, porque nêle encontras uma parcela de cada uma das artes que te são familiares. Além disso, só o teatro te dá no curto espaço de duas ou tres horas, a verdadeira noção da vida. Só êle te orientará o espirito, preparando o pãra a concepção das maiores abstrações.

A arte de tontro é a unica que pãra a sua recetividade, não ezije do espectador de bõa-té estudo prévio, a unica que te diz, por entrechos artistizados, quantas perfidias e abnegações, quantos desejos e anseios, quantas lagrimas e risos, quantas vaidades e virtudes, quantas vergonhas e benemerencias, face-tam as paixões humanas.

Dir-me ás: — «Onde está esse teatro de que tanto propagais a doutrina?»

Tens razão: não eziste. Ha muitos teatros em Portugal — nenhum dêles te pôde dar a arte que precisas. A arte que te convem, é uma arte núa de processos artificiosos; uma arte que seja a expressão ezãta da vida natural; uma arte cheia de luz, de vigôr e de intelijencia.

E a tua desorientação perguntará: — «A arte de que falais, não a encontro nos outros teatros?»

Não a encontras pela simples razão de que as em-presas se veem obrigadas pelas circunstancias do meio a só assegurarem os capitais de que dispõem. Nem por muito bõa vontade que tenham, conseguem jámais erguer alto a arte de teatro, embora ela lhes seja filão inesgotavel.

E esse filão, és tu quem o robustece com a tua presença, não te importando que o cartaz recomende perversidades artisticas.

Porque o consentes? Porque não sabes discernir a verdadeira arte purificadora dos teus sentimentos, da arte prostituida que te dão na maioria dos nossos teatros.

Esse predicado de observador é que é preciso que adquiras. Todavia, revoltas-te ao ver uma indignidade cenica; pateias ao notar favoritismo dos «claqueurs» por certo artista em detrimento dum colega desprote

jido. Deduzo daí que tens inalteravel o espirito de justiça. E é essa noção da justiça que deve facilitar todos os movimentos que preparem a realização em Portugal do «Teatro do Povo e para o Povo.»

O teatro de que falo é o unico onde te sentirás bem, porque reunirá as qualidades indispensaveis a uma obra d'arte sã: Honestidade e Conciencia.

Honestidade: porque desde a teoria dramaturjica á ezeução interpretativa, tudo passará pela feira da verdade scientifica.

Conciencia: porque os seus iniciadores sentirão a necessidade moral de te elevar, insinuando-te o bélo, perpetuando-te no bem.

O teu dinheiro é apenas aceite como azeite indispensavel ao bom andamento do mecanismo administrativo. Tudo o que sobeje será para generalizar as mais dificeis realizações artisticas no que elas haja de perduravel.

Portugal é bom terreno pâra a praticabilidade da ideia. Ezistem muitos bairros onde o operariado prepondera. De principio captar-lhe a atençaõ com conferencias. Espôr-lhe sucintamente, sem retorica a escurer a ideia inicial, o principio comodo da assinatura, conforme o meio economico. Convencer os mais resistentes por incredulos. Pôr em factos concretos tudo o que seja abstração. Tornar pratico o que pareça sonho.

No dia em que o teatro do povo ezista em Portugal desaparecerão as correntes de obstrucionismo que te tem desviado do teu caminho redentor.

Pensa bem nisto, povo ignorado de todos. E's tu que, sem o saber, contribues pâra a tua perdição. Salva-te! Ainda é tempo. Não te assemelhes ao outro povo que vive ignorando tudo.

**José Simões Coelho.**

Está provado que os trabalhadores só aliviarão as suas dores quando sacudirem o pezo que sobre os seus hombros deixam cair as leis.

**RAOUL KOC**

Ha alguma coisa mais incompativel com a razão do que o admitir que um ser soberanamente bom, sabio, equitativo e poderoso prezida a Naturêza e dirija êle mesmo os movimentos de um mundo cheio de loucuras, misérias, crimes e desordens que êle teria podido precaver ou fazer desaparecer com uma só palavra?

**MESLIER (presbítero).**

# Considerações . . . economicas . . .

## II

*PROPRIEDADE*—Eis o que diz quem fala de cadeira . . . oficial . . .

\*A posse e o gozo esclusivo de uma riqueza qual quer, constitue o *direito de propriedade* reconhecido e garantido pelas leis sociaes\*.

E' este um dos principios fundamentais da economia politica . . . oficial

E acrescenta ainda o tal da cátedra:

\*E' mantido pela *justiça*, isto é, o respeito pelo «direito dos outros».

Ora pergunto (e desculpe-me o referido *magister* tamanha liberdade):

Está provado que *esse respeito pelo direito dos outros* foi orijinariamente acatado? que a posse, na máxima parte dos casos, não é primitivamente garantida pelo direito da força que largamente se manifesta nas guerras de conquista e que é o alicerce das sociedades hodiernas? Houve algum respeito pelo direito dos outros nas guerras que teem ensanguentado a humanidade? Está provado que o excesso de propriedade, de que alguns gozam, não é a estorsão da propriedade que pertencia, por direito natural, aos outros? Está provado que o homem, depois de satisfazer as eziencias do seu organismo, tem direito de ficar com o remanescente dos productos? Está provado que ficando com esse remanescente não lésa os seus semelhantes que precisam, como elle, de atender as proprias necessidades? Está provado, por consequência, que toda a propriedade anti natural não tem as suas raizes no roubo? E assim está tambem provado que a economia politica, tal qual é oficialmente concebida e insinuada, não é, por ventura, uma ciência que pretende legalizar ou justificar esse mesmo roubo e ainda acrescenta-lo?

Os economistas catedráticos ainda dizem:

\*A natureza fez o homem proprietario e d'aí o instinto que o leva a trocar a sua propriedade, o seu trabalho, os seus serviços, pelo trabalho, serviços e «propriedade dos outros homens».

Ora a natureza fez efétivamente o homem proprietario; mas como deu a todos o mesmo direito e lhes facultou em toda a parte os seus tesouros, d'aquí vem

que só pelo artificio ou pela violencia humana, se realiza o facto de uns terem a propriedade e outros não: d'aqui igualmente vem que, os que nada possuem além da faculdade do trabalho, se veem obrigados a alugar o seu braço ou o seu cérebro para obterem aquilo de que necessitam a fim de poderem... vejetar!

O facto de os proprietarios poderem hoje alegar que não roubaram os *seus* bens e pelo contrario os *compraram* com o seu dinheiro ou os *herdaram* ou os *ganharam* com o seu trabalho, não é razão, ainda admitindo como boas as suas alegações, para se contestar que a propriedade é um roubo ou um fruto do roubo remoto ou próximo.

Por varios meios se adquire a propriedade: ou se rouba a pösse a outrem pela violencia; ou se herda essa pösse por convenções da lei; ou a adjudicamos a nós mesmos por sofisma de outras leis; ou talvez a compremos com o nosso trabalho.

Ora o trabalho assalariado, puro e simples, *não permite* a ninguem o tornar-se proprietario. O salario não vai além do suficiente pãra o assalariado poder vejetar e procriar um substituto para quando êle morrer; e, nestas circumstancias, não é possível obter propriedade.

O mestre d'obras, o comerciante, o industrial, o medico, o lavrador, dirão que adquiriram as *suas* propriedades, os *seus* predios rusticos ou urbanos, os *seus* titulos de renda etc, etc, com o produto do seu trabalho e terão dito, sem o suspeitarem talvez, uma mentira: porque tudo, de quanto se tiverem apropriado, é, sim, fruto de trabalho mas no qual, o d'êles, só entra em pequena parte pois que o resto - a parte mais importante representa o trabalho dos outros que nada alcançaram pãra si.

Se o mestre d'obras tivesse, *por si só*, arrancado da terra os materiais pãra o seu predio; se tivesse, *êle proprio*, aberto os caboucos, feito os alicerces, levantado a casa, coberto de telha que êle tambem tivesse fabricado; se tivesse metido o estuque, pintado, acomodado tudo e além d'isso fabricado todas as ferramentas com que trabalhou e estraído a materia prima para êlas, etc, êle teria realmente direito a chamar *sua* á sua propriedade.

Se o comerciante tivesse, *êle proprio*, fabricado a fazenda, preparado a matéria prima de qualquer produto industrial; se o tivesse mesmo buscado na origem; carregado com êle ás costas; arrumado no seu

armazem por êle também edificado desde o arranque dos materiais às entranhas da terra; se tivesse *êle mesmo* vendido o artigo; *êle mesmo* levado á casa do frêguez; *êle mesmo* construido todos os meios de transporte e de comunicação; *êle mesmo* feito a escripturação; cosinhado o seu jantar; cortado e cosido a sua roupa e o seu fâto, etc, etc, ainda talvez o nosso commerciante tivesse direito a arrecadar os lucros *do negocio* e a chamar *seu* ao que obteve.

Se o industrial ou o lavrador tivessem similhantemente feito tudo de quanto necessitam pãra os seus mistêres *sem intermediario algum*; se o medico tivesse descoberto tudo quanto a ciência insina desde os mais remótos tempos até hoje; se êle se não aproveitasse dos conhecimentos, descobertas e invenções que custãram aos nossos antepassados, tantas torturas, tantas privações, tantissimas lagrimas, mil desesperos e mil dôres e tantas vezes a perda da vida; se tivesse, *êle mesmo*, preparado os seus remedios, arranjado o seu laboratorio, aviado as suas receitas, etc, etc; poderia também alegar que os seus proventos são muito seus; que os titulos que comprou são propriedade muito sua. Mas é materialmente impossivel cada um produzir tudo de quanto precisa, tudo: sem utilizar o trabalho dos que o precederam e o dos que coëzistem com êle.

E não me venham com a pueril (pãra não lhe chamar jesuítica) contestação de que nesse caso também qualquer proletario, o artifice, o official de farmacia, o escripturario, o guarda livros, o jornalista assalariado, o *reporter*, qualquer proletario em fim, todos êles não teem direito a chamarem *seu* ao que adquirirem; também o que ganham não é d'êles pois que o seu trabalho é a exploração de mil outros trabalhos estranhos.

A respeito d'esta observação, eis a minha resposta:

Ha um direito que todos teem, seja o proletario de qualquer categoria, seja o commerciante, o burguez, rei, imperador ou pápa, *é o direito á vida*.

E desde que a sociedade atual estabelece que só *come quem tiver com que comprar*, forçoso é que o proletario chame *seu* ao que ganhe.

Isto em primeiro lugar.

Em segundo lugar o proletario não *ganha* na verdadeira acção da palavra: pois que, segundo a ciência official, *ganho*, *é o que fica depois de satisfeitas todas as necessidades* e o proletario nem a necessidade de comer satisfaz.

Por consequência, as duas situações não teem paridade alguma.

Eu creio ou admito sem dificuldade que o proprietario, hoje, tenha a convicção de que o que tem é *de justiça* muito *seu*; que não roubou, antes herdou a sua propriedade, ou a comprou; sei que êle, quando discute o preço de qualquer trabalho não repara que está roubando o trabalhador: pois, por muito caro que êle lhe pague, este, fornecendo ao proprietario um bem que o faz prosperar, fica eternamente a marcar passo no mesmo terreno.

Esta gente é sincera quando se diz honrada e afirma que nada roubou a outrem: pois que as convenções sociais, as leis, as tradições justificam aparentemente todas as consequencias do roubo original, da primeira violencia praticada no mundo. São êles que, clamando indignados contra o estrangeiro que queira conquistar a *patria d'êles* coadjuvam com toda a energia da sua bolsa, dos seus recursos financeiros ou intellectuais e com pasmosa inconveniencia, as empresas que os seus compatriotas, os seus governos pretendam realizar ou realizem em terras de prêtos ou vermelhos a quem possam explorar: e isto por já não ser facil praticar o mesmo em terras de brancos! Aham meritorio roubar — ou como se diz em linguaagem civilizada — *conquistar a patria dos outros* contanto que não venham estes roubar (agora é realmente *roubar...*) a *patria d'êles*. . No primeiro caso trata-se de um feito heroico; no segundo, de um ato de bandidos!

Mas deem-lhe as interpretações que quizerem; empreguem a casuística que lhes apetercer, nada destroe a verdade primacial; e esta é:

As sociedades teem os seus alicerces na conquista; a conquista é o roubo; d'este roubo derivam todos os outros roubos e violencias tendentes a garantirem a posse do primeiro roubo; que pâra justificação e consolidação de todos os roubos, se tecem toda uma rede de leis, de preconceitos, de ficções, de regulamentos, de moral e de justiça falseadas, na qual se debatem os povos eternamente anceando pela sua liberdade; que nada do que se produz, absolutamente nada d'isso é resultado unicamente do trabalho individual, pois nesses produtos, todos os homens colaboraram, todos deram o seu continjente de forças, inteliçencia, saber, todos desde os tempos mais afastados até á época atual; e assim nenhum homem pode dizer: *isto é meu*, e sendo tudo o resultado do trabalho de todos, todos os homens teem direito a tudo e nestas circunstancias

o regime de propriedade que existe é anti-natural e iniquo, e a causa eficiente das desgraças que afligem os deserdados.

E não nos detenhâmos ante a infantilidade de averiguar se eu, por exemplo, terei direito de chamar minha á camisa que vestir; meus os sapatos que calçar; porque o comunismo não nega a posse de tudo por todos; a posse pãra o usufruto enquanto este fôr necessario; a posse pãra utilização do que se não gasta ou muito pouco se gasta com o uso; a posse do que faz parte essencial da integridade de cada um, como a camisa que visto, os sapatos que calço, o lume a que me aqueço, a casa em que me abrigo, o pão de que me alimento; tudo isto no consenso unanime e lójico e equitativo de não ter direito de ficar seja com o que fôr, aquêle que satisfez todas as necessidades do corpo e do espirito. O comunismo nega o direito de propriedade áquêle que de muito dispõe, e até em excesso, em prejuizo de milhares de outros que de tudo carecem; nega esse direito especializado a alguns; mas afirma-o generalizado a todos, e o comunismo proclamando tal justiça, está em harmonia com a natureza.

JOSÉ CARLOS DE SOUZA.

## A pedagogia é a ciencia da vida

Meus amigos :

Devo-vos este desvirtuado qualificativo — desvirtuado por se prestar a todas as fórmulas da hipócrisia social —, porque tenho a certêza, filha do meu intimo, de que mereceis a minha amizade. Esta certêza em mim nasce das provas materiais do vosso desprendimento de interesses pessoais, neste mercado do «faça cada qual por si á custa de tudo e de todos» que é o característico das sociedades de todos os tempos, e não deixa em boa verdade de ser ainda o da de hoje.

A vossa revista é um baluarte de interesses pessoais ou restritamente colêtivos? Não. Vós procurais nesta um ganha-pão? Também não. Isto vê se claramente. Vós não vindes defender uma fórmula politica, tão longe vai o vosso ideal. Não esperais colher os frutos ou participar dêles, dentro da realização do vosso ideal. Ainda menos mais restritamente, procurais um nôvo mercado para a venda do vosso artigo — o produto escrito da vossa atividade — tão estranho e invendavel êle é. Não só não tereis compradores que vos animem o comércio — vá de encará-lo assim —, como vos não faltariam desfalques que vos levassem á ruina, se em vós entrasse o cálculo de ganhos e perdas. Por isso eu vos chamo amigos, sem receio de errar, tão superior vos vejo a mim, faltando-vos a vós o fiel para aquilatar comigo da amizade que vos mereça. Digo-vos assim mesmo, sem pretensões a armar em modéstia ren-

dosa — vá de esclarecer-vos. Eu sei que sou melhor que muitos, mas . muitas vezes propôngo a mim mesmo esta questão : Eu nascido na miséria, vivendo na opressão dum meio a que nunca me adaptei, serei um revoltado de princípios por amor á verdade, ou por vindicta ! Confesso-vos que encontro em julgado, *sims e não*s. Espero ainda pela ultima instancia. Essa dar-se-á quando eu porventura encontre uma situação desafogada á custa do meu esforço e do acaso, que eu não sabendo qual é a filosofia da filosofia, ainda méto o acaso em linha de conta.

\*\*\*

Vou dizer-vos o que penso dos dois numeros que recebi da vossa revista. Não se denominando Revista Pedagógica, acho que de tudo o que em Portugal se tem publicado — e tem sido tão pouco que é nada —, desde que eu leio ou desde que soletro, no que deve chamar se lér, nenhuma outra publicação merecia com mais propriedade tal nome. Diz-vos isto quem para os lidos até medianamente, se pode chamar um ignorante; mas quem, pára os que, por entre o amontoado que se chama ciencia social, sabem vér, não fica classificado no numero dos cristalizados.

Venho falar-vos de pedagogia, sem nem sequer conhecer de nome todos os vultos dessa ciencia. E todavia eu pretendo dizer alguma coisa sobre pedagogia no nosso país, sem a fórma lan-tejoulada de vacuidade, mas antes com a substancia de ideias nascidas da dureza da realidade.

Tenho visto que á pedagogia se chama ciencia da educação, eu, para maior clareza, chamo-lhe ciencia da vida. Tão pouco a vida tem sido melhorada pela ciencia pedagogica, que a pedagogia ainda o não chegou a ser (ciencia) em bases positivas. Quanto a mim entendo que por ora está infinitamente mais longe de resultados positivos que a cura do cancro, da tuberculose, do sono e de tantos males para que a ciencia medica ainda não descobriu tratamento radical. E' que o campo da pedagogia é esse mundo enorme da vida humana em todos os aspetos, em todos os turbilhões de tendencias, instintos, no querer, sentir e pensar. A pedagogia é a tentativa de coordenar e classificar o caos. É a sua maior dificuldade, quanto a mim, (jámais no nosso país) é a diculdade material de colocar o operador (professor) e o operado (a criança em condições materiais e morais de ser tratado.

\*\*\*

Porque será que o homem em tudo que se mete, afóra o campo das ciencias experimentais, sempre pretende ser o profeta da ciencia positiva, querendo fazer-se passar por o ultimo dos ultimos — o infalivel? ! Será por vaidade? por uma necessidade invensível de limitar o ilimitado? por orgulho ou cobardia de sentir se o que é? por inconciencia da sua limitabilidade? Será talvez por tudo isto; mas parece-me que o faz, porque não podia fazer outra coisa.

O homem é em tudo uma partícula do ilimitado; logo o que éle produza tem que ser fatalmente limitado. Por isso éle apresenta sempre soluções e não elementos para soluções; mas como as palavras são mais que as ideias, éle edifica com palavras, filhas da verdade da sua necessidade conjénita, sistemas e sistemas sempre vivos na papelada, que pela orientação dada á educação intellectual na escola, fazem escravos em véz de homens livres.

Nada, o insino em qualquer grau, nunca deve fazer da ciencia um dogma, porque o dogma é a negação da razão. O que o

passado nos lega no campo do saber, só deve servir-nos de meio e nunca de fim. O fim é a negação, a morte; a perfeição, a destruição; o absoluto, o limitado.

E aqui está como eu ao pretender falar em pedagogia, caio na demonstração da negação do anarquismo puro como realidade, porque sou bastante amigo da humanidade e da immortalidade, para não admitir a sua destruição pela atinção da perfeição. Porque a perfeição é o fim, e o fim é parar, e parar é morrer (\*).

Não quero com isto dizer que negue o ideal do anarquismo; o que eu sinto é que ele será sempre a Terra da Promissão, mas que as gerações caminhando para elle, se nunca o atinjem, nem por isso deixam de aperfeiçoar-se aprocimando-se-lhe. Fica-lhes sempre a esperança que é o farol do progresso a amaciar as durezas da realidade.

E a nova fé que se levanta, ha de ter fanaticos como todas as crenças e martyres como todos os credos. Mas que a razão e o sentimento se aliem para a comprehensão do possível dentro da idealização do impossível, quanto ao tempo, é o meu ardente voto, para que o futuro não caia nas carniçens do passado — carniçens que a religião e a politica, duas mentiras sempre criminosas porque são mentiras, mas hediondamente criminosas quando, como sempre ou quasi sempre, defendem o egoismo do homem ou da collectividade, a custa da imolação da verdade, sacrificada no sangue da humanidade.



A pedagogia entre nós tal como ella se comprehende nos países civilizados, não existe. Não existe porque ella visa a criar individualidades concias da sua personalidade, livres e independentes, dentro da sociabilidade humana; e entre nós tudo obedece á subordinação, á dependencia, ao espirito retrogrado de casta, ao conservantismo egoista e assassino, ao amolecimento, á imperoanabilidade. Variadissimas são as causas; étnicas, historicas, atavicas. Os meios são a hipocrisia, a cobardia mutua; o fim é a negação do ideal, a passividade animal; o alvo supremo dos elementos sobrenadantes da nossa sociedade — a ignorancia crassa, como o melhor terreno.

Sendo assim, não admira que a pedagogia entre nós não passe de uma palavra pedante, óca de sentido e de necessidade real. É como assim é, nós ainda não criamos a escola, porque ainda até hoje não criamos a sua necessidade. É a verdade é que o homem é antes de tudo utilitarista.

Continuarei quando poder.

**Antonio da Costa Oliveira.**

(Professor primario)

(\*) O Sr. Antonio da Costa Oliveira, estudioso e intelligente professor official em Freixo da Serra e que no ultimo congresso pedagógico occupou entre os congressistas um lugar de relevo pelo seu curioso trabalho «A situação do professorado primario», mostra neste ponto do seu interessante artigo e nhecer apenas muito superficialmente o anarquismo, sem duvida porque os muitos afazeres que o sobrecarregam tiram-lhe todo o tempo para se dedicar a um estudo profundo.

Anarquia não é de modo algum a perfeição absoluta. Tendo por base a igualdade de condições, por fim a solidariedade e por metodo a liberdade, a anarquia não é mais do que o caminho aberto e desobstruido a todo e qualquer progresso material e ao aperfeiçoamento moral que é incessante.

N. da R.

— \* —

A obstinação cristã em representar o mundo feio e mau, tornou efetivamente mau e feio o mundo.

FREDRICO NIETZSCHE.

## Amôr livre e união livre

### I

Na atenciosa carta inserta no penultimo numero desta revista e em que a sua signataria — a Sr.<sup>a</sup> D. Zelia Marques — me fazia, com aquella gentileza que caracteriza toda a mulher educada, algumas objeções ao meu artigo «A deficiencia do divorcio», um êrro grande se descobre, êrro em que aliás laboram todos os que, ou por falta de tempo, ou por indiferença, ou ainda por cobardia mental, não se dedicam a aprofundar a questão lendo as obras dos espositores do assunto e raciocinando sobre elas, mas que apenas se contentam em fazer juizo com o que leem truncadamente ou com o que apanham de ouvido aqui e acolá. Esse êrro consiste em identificar *amôr livre* com *união livre*, quando a verdade é que se amôr livre significa implicitamente união livre, união livre não é rigorosamente sinonimo de amôr livre.

Amôr livre, não é apenas o amôr liberto das formalidades legais. Ele quer dizer mais alguma coisa ainda: quer dizer amôr emancipado de todas as peias sociais e de todas as difficuldades económicas.

Atualmente as instituições e os preconceitos sociais opõem grandes obstaculos e as maiores difficuldades ao desenvolvimento e livre expansão do amôr. Ele é escravizado, oprimido, envilecido e deturpado, na sociedade presente, pelo Estado, pelo Capital, pela Moral e pela Religião.

O casamento, o adulterio e a prostituição; o celibato, a continencia, a conservação contumaz da virgindade que tão nocivas são á saúde do organismo, produzindo muitas vezes em ambos os sexos as aberrações do instinto secsual; a maior parte dos crimes passionais, dos infanticidios e dos abortos, são consequencias dessa oppressão ezercida sobre o amôr pela lei, pelo dinheiro, pelos preconceitos sociais e pela moral religiosa abertamente em desacordo com a natureza humana.

Quantos jóvens que se amam com fervôr não se veem obrigados a calcar nos arcanos mais profundos do coração o amôr que os atrai e os prende, pela impossibilidade de darem expansão aos seus sentimentos afetivos, realização aos seus sonhos de ventura, devido a difficuldades monetarias umas vezes, em virtude da opposição dos pais outras, por determinação da lei ainda outras?

Quantos esposos, pãra quem a vida em comum é

um interno, uma altercação constante, se não separam, uns, por motivos de ordem economica que torna um conjuje dependente do outro, outros, pelo receio do escandalo que a sua desunião produziria, outros ainda porque a lei lhes não permite?

Quantas familias não são desbaratadas, quanta felicidade não é roubada aos lares, quanta paz familiar não é desfeita, quanto amôr não é afrouxado pela maldita influencia do dinheiro que tudo corrompe e tudo empeçonha?

E se não limitarmos a esfera do amôr simplesmente ás relações entre marido e mulher, mas se, pelo contrario, a estendermos aos seus frutos — os filhos —, quantos crimes não se produzem orijinados pelos preconceitos, pela lei e pelo dinheiro?

Os abortos e os infanticidios não teem, na sua má-cima percentajem, outras causas do que a miseria, a perspectiva de não poderem dar aos filhos uma educação em harmonia com a sua situação, ou a vergonha que á mulher produz o desprezo com que a opinião pública castiga aquela que se permite ser mãe sem ter pedido, antecipadamente, licença a um padre ou a um juiz.

O militarismo e a necessidade de emigração, que tantas familias desmantelam, são ainda causas que, entre muitas outras, — derivadas todas da escravidão politica, economica e religiosa — eu poderia citar pâra demonstrar o desrespeito e o desprezo que a sociedade atual vota ao Amôr e á Familia. E, não obstante, tu — ó sociedade de padres, de politicos e de banqueiros! — tu que desrespeitas o amôr, tu que, com tuas leis e teu dinheiro, corrompes as familias e as desmantelas, que semeias a discordia entre os pais desmoralizando-lhes os filhos, que legalizas a prostituição porque necessitas dela como «valvula de segurança» pâra o instinto secsual que tu reprimes, tu que produzes monstruosidades tais como as mães desnaturalizadas que abandonam, abortam ou matam os seus proprios filhos, tu, — ó sociedade hipocrita, devassa e ruim! — tens, não obstante, o descaramento, o impudôr, a audacia de nos acusar, a nós, — os reivindicadores da liberdade do amôr — de pretendermos destruir a Familia!

Não! Essa tua suposição simplesmente revela a tua falida mentalidade e a tua crassa ignorancia.

Pâra suprimirmos a Familia, minha grande imbecill, nós teriamos primeiramente de destruir a humanidade inteira, e ainda assim ella continuaria ezistindo

entre os animais: nos ramos das arvores, nas fragas das serras, nos píncaros dos montes, no interior das florestas.

Não são as tuas leis, acredita, que obrigam o marido a viver com a mulher, que obrigam os pais a cuidarem dos filhos. Entre os animais ferozes e as inofensivas aves, não ha leis nem codigos, legisladores nem juizes, e, todavia, vê tu como os pais se desvelam pela existencia e crescimento dos filhos, e como brava e heroicamente lutam, com as garras, com os dentes ou com os bicos, em defeza da sua prole.

A Familia — fica tu sabendo — é um facto natural, resultante de phenomenos fisiolójicos e psicolójicos, e de maneira alguma resulta das disposições dos teus códigos. Rasga e carboniza as tuas leis e os pais continuarão a viver juntos, rodeados de seus filhos, prodigalizando-lhes carinhos, desfazendo-se em cuidados.

E' o amôr que os une, é o amôr que os prende, é o amôr que os liga num inefavel beijo, num afetuoso amplexo!

São as tuas leis oppressivas e arbitrárias que fazem brotar o odio onde só amôr deveria existir, que convertem os filhos em criados dos pais e a mulher em serva do marido, são as tuas leis, sim, que as mais das vezes afrouxam e desalentam o amôr, perturbam aquella paz e desfazem aquella harmonia que devem fazer da Familia uma fonte perenal e caudalosa de felicidade e de bem-estar.

Nós, o que queremos, é destruir a familia legal, essa familia que tu crias pela violencia ou pela astucia, essa familia que tu fazes depender do capricho das tuas leis e cuja felicidade ou infelicidade oscila como as altas e baixas do teu cambio.

E em vez dessa tua familia coercitiva, nociva e imoral, nós queremos uma familia cujos projenitores se unam por consenso reciproco, sem calculos interesseiros e sem astucia, por afinidades e comunhão de sentimentos, e em que a igualdade mais perfeita unida á liberdade mais completa serão garantia mais eficaz do que todas as tuas leis havidas e por haver pãra a unidade e duração da união secsual, e pãra a harmonia e bem-estar da Familia!

Mas... basta! Eu não pretendo, neste momento, pôr a descoberto a tirania, a nocividade e a imoralidade da familia actual, nem tão pouco provar a superioridade moral da familia derivada do amôr livre sobre a familia legal ou burgueza. Eu pretendi e creio ter conseguido, senão demonstrar, pelo menos dar

uma ideia da escravidão em que se encontra o Amôr na sociedade presente.

E sabido já em que consiste a escravidão do amôr e conhecidas as causas que o escraviza, mais facil será agora compreender o que por amôr livre se entende e como se pode e se ha-de conseguir a sua libertação.

A escravidão do amôr consiste nos obstaculos e dificuldades de ordem legal, economica e moral que o amôr encontra na actualidade pãra a sua expansão e completo desenvolvimento. A causa da escravidão do amôr está na não-garantia e na não-segurança da existencia material dos conjujes e dos filhos.

Amôr livre é, pois, não só a união livre — sem leis nem consentimentos de terceiros — de dois seres de sexo diferente, mas tambem a união seccual submetendo-se unicamente ás suas proprias leis afétivas e absolutamente independente de qualquer fatôr material; ou, talvez de uma maneira mais explicita, a vida conjugal perfeitamente autonoma da vida individual, quer dizer, a vida conjugal não determinada nem sequer influenciada pelas condições materiais da existencia.

Pãra que o amôr seja livre, é, pois, necessario que os secos encontrem garantida e assegurada a sua existencia bem como tudo o que seja necessario pãra a manutenção e educação dos filhos que da sua união possam advir.

Ora essa garantia e segurança dos meios de subsistencia, só encontrarão os secos numa sociedade onde a terra, as ferramentas do trabalho, as maquinas e as materias primas, a instrução, a ciencia e todo o produto da atividade intelectual do homem, constituam propriedade social, e onde os homens e as mulheres constituindo-se por afinidades em agrupações livres, trabalhando segundo a sua vontade e consoante as suas aptidões pãra o monte comum, consumam tudo quanto necessitem pãra satisfazer as suas necessidades e pãra proporcionar o seu máximo bem-estar.

Só numa sociedade assim baseada na liberdade, na solidariedade e na igualdade de todos os seus membros, onde todos os homens e mulhéres encontrarão á sua disposição os meios de subsistencia e de conforto, o amôr será livre, quer dizer, puro, sincero, desinteressado, dignificado e moralizadôr, que vive de si proprio, que faz do lar um delicioso eden e da Vida um sonoro beijo.

Então, já não haverá uniões por interesse. A prostituição será impossível. Nada impedirá a dois jovens que se adoram, de buscar a felicidade que ambos idealizam. Então, nenhuma razão forçará a mulher a conservar-se unida ao homem a quem já não ama, porque nenhum interesse de ordem material nem nenhum obstaculo de ordem moral a impedirá de dissolver a sua união. Nenhum interesse de ordem material, porque não necessitará do produto do trabalho do homem visto possuir os mesmos direitos e os mesmos meios de ação do que elle. Nenhum obstaculo de ordem moral, porque a imoralidade não consistirá em possuir muitos amantes sucessivamente mas em estar ligada a um companheiro que lhe causa aborrecimento ou simples indiferença.

Tão pouco a situação dos filhos a fará hesitar na sua resolução. Nem o futuro dos filhos nem o seu número, a preocupará. Nos *grandes armazens* da cumunidade, encontrará a mãe em abundancia alimentação e vestuário para os seus filhos e as portas das escolas estarão abertas de par em par para os receber.

E aqui tem a minha considerada contraditôra como os receios que lhe inspiram a situação dos filhos sob o «amôr livre» carecem do mais leve fundamento.

«E o amôr paternal que tão necessario é á criança?» — perguntar me-á a Snr.<sup>a</sup> D. Zelia Marques tão zelosa pelo bem-estar dos pequenitos.

Quanto aos carinhos do pai, pode a Snr.<sup>a</sup> D. Zelia Marques ficar convencida de que serão mais prodigalizados na sociedade do futuro do que na do presente. O amôr pe'os filhos, creia-o minha senhora, existe e é tão natural nos homens como nas mulheres. Além disso, o homem e a mulher separados com a máxima lealdade por se terem convencido de que «não nasceram para viverem juntos», de que «foi errada a sua escolha», de que «decididamente não se compreendem», não ficarão mal querendo-se, não ficarão conservando ressentimentos como succede aos divorciados de agora. De maneira que o facto do homem continuar relacionando-se com a sua ex-companheira, não só parecerá naturalissimo como será até louvado e apreciado na sociedade racional do futuro. Sendo assim, nada tem a Snr.<sup>a</sup> D. Zelia Marques a recear a falta do amor paternal no caso de uma desunião: os filhos serão repartidos de comum acordo entre os pais, ou viverão alternativamente com o pai e com a mãe.

**Pinto Quartim.**

# A'MANHÃ

Revista popular de orientação racional

(Aparece nos dias 1 e 15 de cada mez)

Publica estudos sociológicos e de educação moderna, contos, poesias, criticas, músicas, canções, retratos de senhores artisticos, etc., etc.

## Preços das assinaturas

Para o continente, Espanha, ilhas e colonias portuguesas:

Serie de 6 números (trimestre) incluindo o importe do correio .....	150
Serie de 12 números (semestre) .....	300
Numero avulso .....	30
<b>Para o Brasil (moeda fraca)</b>	
Serie de 12 números (semestre) .....	2\$000
Serie de 24 números (ano) .....	4\$000
Numero avulso .....	200

## Para os outros paizes:

Serie de 12 números (semestre) .....	2,50 fr.
Serie de 24 números (ano) .....	5 fr.

**Pagamento rigorosamente adiantado** que pôde ser feito em estampilhas continentais — Acresce a despeza da cobrança quando esta se fizer pelo correio.

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importância.

Todas as pessoas que nos enviarem diretamente uma lista de dez assinaturas *garantidas*, receberão gratuitamente a revista «A'manhã».

## AJENTES

Acceptam-se em todas as terras onde ainda os não haja, concedendo-se a percentagem de 20% em cada exemplar e garantindo-se uma assinatura gratuita logo que angariem um numero superior a 10 compradores, sendo por conta da administração todos os gastos da remessa e devolução dos exemplares.

## Venda de livros

A administração da revista «A'manhã» satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importância correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Esta revista encontra-se á venda nas principais livrarias, quiosques e tabacarias do paiz.